

LUCIO COSTA, ARQUITETURA NACIONALISTA E A IDENTIDADE DAS CIDADES MODERNAS

FUHRMANN, Francieli.¹
DRABIK, Mariana Melani.²
SILVESTRI, Vinícius Eduardo Vroniuk.³
ANJOS, Marcelo França dos⁴

RESUMO

A pesquisa possui como temática a Teoria da Arquitetura e enfoca na arquitetura nacionalista, no arquiteto Lucio Costa e na identidade das cidades modernas. O objetivo é apresentar através de pesquisa bibliográfica, a fundamentação teórica da arquitetura nacionalista brasileira, o arquiteto Lucio Costa e duas de suas principais obras modernistas: A obra do Ministério da Educação no Rio de Janeiro e a obra do Pavilhão Brasileiro na Feira de Nova Iorque em 1939. Na sequência, a pesquisa disserta sobre as cidades modernas e suas identidades, bem com as análises que foram conduzidas através de quadros de comparação, sendo esta uma metodologia de caráter qualitativo. Os resultados demonstram que as obras de arquitetura nacionalista de Lucio Costa auxiliaram na formação da identidade das cidades modernas brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura, Lucio Costa, Nacionalismo, Identidade Urbana.

LUCIO COSTA, NATIONALIST ARCHITECTURE AND THE MODERN CITIES IDENTITY

ABSTRACT

The research has as its theme the Theory of Architecture and focuses on nationalist architecture, architect Lucio Costa and in the identity of modern cities. The objective is to present through bibliographical research, the theoretical foundation of the Brazilian nationalist architecture, the architect Lucio Costa and two of its major modernist works: The Education Ministry's work in Rio de Janeiro and the Brazilian Pavilion work at the New York fair in 1939. In the sequence, the research emphasizes the identity of modern cities, as well as the analyzes conducted through comparison tables, which is a qualitative methodology. The results show that the works of nationalist architecture of Lucio Costa supported the formation of Brazilian modern cities identities.

KEYWORDS: Architecture, Lucio Costa, Nationalism, Urban Identity.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está vinculada ao de Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Assis Gurgacz – CAUFAG e possui como título “Lucio Costa, arquitetura nacionalista e a identidade das cidades modernas”. O assunto a ser abordado na pesquisa é a arquitetura nacionalista brasileira, assim o tema trata do arquiteto Lucio Costa, suas obras e a identidade das cidades modernas. Este estudo justifica-se no âmbito acadêmico/científico, por ampliar a possibilidade de novas discussões e trabalhos a respeito do tema. Do ponto de vista econômico, técnico e profissional este estudo justifica-se por contribuir para a demonstração das contribuições do arquiteto Lucio Costa para a arquitetura moderna brasileira na construção da identidade das cidades. Justifica-se no âmbito histórico através de pesquisa bibliográfica sobre a arquitetura moderna brasileira, e no campo sociocultural por abordar no trabalho obras do arquiteto Lucio Costa que contribuíram para a construção da identidade das cidades modernas no Brasil.

O problema instigador da pesquisa pode ser formulado pelo seguinte questionamento: Como as obras de arquitetura nacionalista do arquiteto Lucio Costa auxiliaram na formação da identidade das cidades modernas brasileiras? Parte-se da hipótese inicial de que o arquiteto Lucio Costa teve grande influência para a arquitetura brasileira e a formação da identidade das cidades modernas.

O objetivo geral do trabalho é verificar se as obras de arquitetura nacionalista de Lucio Costa influenciaram na formação da identidade das cidades modernas.

Os específicos são:

1. Introduzir o tema proposto através de pesquisa bibliográfica;
2. Pesquisar sobre a arquitetura moderna brasileira;
3. Discorrer sobre a arquitetura nacionalista;
4. Apresentar o arquiteto Lucio Costa e obras de sua autoria;
5. Discorrer sobre a identidade das cidades;
6. Analisar se as obras apresentadas influenciaram na formação da identidade das cidades modernas.
7. Concluir respondendo ao problema da pesquisa, refutando ou comprovando a hipótese inicial.

¹Acadêmica de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Assis Gurgacz, formando em 2015. E-mail: francieli_fuhrmann@hotmail.com.

²Acadêmica de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Assis Gurgacz, formando em 2015. E-mail: marianadrabik@gmail.com.

³Acadêmico de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Assis Gurgacz, formando em 2015. E-mail: vini.silvestri@hotmail.com.

⁴Professor Marcelo França dos Anjos, docente da disciplina de Arquitetura Brasileira: Século XX na Faculdade Assis Gurgacz. E-mail: anjos@fag.edu.br.

Para a elaboração deste trabalho a metodologia utilizada para a elaboração deste é de caráter qualitativo, que de acordo com Marconi e Lakatos (2011) procura proporcionar análises minuciosas sobre a o assunto investigado através da indagação e interpretação de dados. A coleta possui instrumentos não estruturados e, na análise, são relacionados os conteúdos psicológicos e social. Definida a metodologia, a pesquisa pode ser classificada como pesquisa bibliográfica, que conforme Macedo (1994) ocorre através da seleção de documentos relacionados ao tema e o fichamento de referências para posterior utilização. Segundo Bervian, Cervo e Silva (2007) a pesquisa é elaborada através de materiais já publicados, sendo constituída de artigos, livros e materiais científicos disponibilizados na internet.

2. REFERENCIAL TEÓRICO OU FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A ARQUITETURA NACIONALISTA BRASILEIRA

No final do século XIX, o Brasil não se sentia mais orgulhoso de sua arquitetura e denegria seus antecedentes. Mas em meio aos acontecimentos na área da arquitetura, o Brasil conhece o fenômeno do nacionalismo e arquitetos manifestavam-se a respeito de uma discussão mais ampla (SEGAWA, 1999). Para Segawa (1999) ano de 1914 pode ser considerado o ano inaugural do movimento que incorporou um componente inédito no debate sobre a modernização da arquitetura brasileira. No mesmo ano, Ricardo Severo iniciou uma conferência sobre a arte tradicional no Brasil, colocando em vigor a valorização da arte tradicional como manifestação da nacionalidade e como elemento de constituição de uma arte brasileira. Ricardo Severo defendia o estudo da arte colonial como orientação para uma perfeita cristalização da nacionalidade.

De acordo com Luccas (2005) a arquitetura moderna brasileira veio em contraponto ao estilo internacional, pois possuía um ideal de territorialidade e historicidade. A partir dos anos de 1930 o formato da arquitetura, até então restritivo, foi rompido através das experiências de Le Corbusier. Além disso, existiam diversas pressões políticas na busca por uma arquitetura nacionalista em diversos países da Europa e, também, no Brasil.

A gestação da arquitetura moderna brasileira ocorreria nesse ambiente, perseguindo a consolidação de uma ambicionada identidade cultural nacional que montava da década anterior, daquele período de efervescência intelectual no qual os paulistanos tomavam a vanguarda através da Semana de Arte Moderna de 1922, de Manifestos como o Pau-Brasil e Antropofágico, da produção pioneira de uma arte moderna e um modernismo literário tipicamente brasileiros; e que discutia-se na Capital da República a adoção do neocolonial como estilo representativo do País (LUCCAS, 2005, p. 1).

O modernismo foi um movimento iniciado na Europa e que envolvia as áreas artísticas e culturais. No Brasil os principais ideais modernistas tiveram chegada a partir do século XX, introduzida através dos manifestos como a Semana de Arte Moderna em 1922 em São Paulo. O movimento gerou uma fase estética que integrou tendências que já vinham aparecendo, fixadas em valorizar a realidade do país, sugerindo mudanças das tradições que até então eram seguidas. O modernismo não se limitou só na arquitetura e arte moderna, mas envolveu aspectos ligados a áreas sociais, econômicas, artísticas e tecnológicas (PAIM, 2010). Conforme Luccas (2005, p. 3) “ocorria no período a busca mencionada de uma identidade nacional da qual o País ressentia-se”. De acordo com Paim (2010), devido aos problemas gerados pelas mudanças econômicas e sociais durante a Revolução Industrial, o modernismo arquitetônico nasce na Europa para gerar soluções depois de muitas mudanças. No Brasil surgiu sem a necessidade de solucionar problemas sociais, apenas afirmando a identidade da cultura e representando o espírito da época.

Os projetos modernistas foram marcados pelo funcionalismo e racionalismo, além de características como formas geométricas definidas, separação entre estrutura e vedação, uso de pilotis, panos de vidro contínuos nas fachadas ao invés de janelas tradicionais, entre outros. Foram destaque no movimento moderno brasileiro Lúcio Costa, Paulo Mendes da Rocha, Affonso Eduardo Reidy, Oscar Niemeyer, Attilio Correa Lima, e outros (PAIM, 2010).

No Brasil o campo da arquitetura teve influência de arquitetos estrangeiros, adeptos do movimento. O russo Gregori Warchavchik projetou a “Casa Modernista” (1929-1930), obra que foi marcada como a primeira casa em estilo Moderno em São Paulo, porém o estilo se tornou conhecido e aceito em solo brasileiro através de projetos de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa (PAIM, 2010, p. 01).

Segundo Tassonero (2009), no início dos anos 30 houve conflito entre o neocolonial e arquitetura moderna. Em 1936 durante o governo de Getúlio Vargas foi realizada a primeira obra moderna de repercussão nacional, o Ministério da Educação e Saúde do Rio de Janeiro, liderado pela equipe com Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Lúcio Costa, Carlos Leão, Jorge Moreira e Ernani Vasconcelos. Foram orientados por Le Corbusier e foi concebido de acordo com os fundamentos modernistas, representando a ruptura com as formas arquitetônicas ornamentadas.

A busca por uma arte moderna no contexto brasileiro foi alimentada por um intenso debate da questão de nacionalidade e da autonomia nacional. A versão arquitetônica desse debate consubstancia-se na campanha neocolonialista, que, em sua essência, trazia algumas raízes da vertente de arquitetura moderna que vai irromper no Rio de Janeiro, na década de 1930, protagonizada por um ex-discípulo do neocolonial: o arquiteto Lucio Costa. (SEWAGA, 1999, p. 38).

2.2 O ARQUITETO LUCIO COSTA

O arquiteto nasceu em 1902, na cidade de Toulon, na França, morou em diversos países e retornou ao Brasil em 1917. Em 1924, Lucio Costa, formou-se em arquitetura pela Escola Nacional de Belas Artes, localizada no Rio de Janeiro (PONTUAL, 2010).

Lucio Costa obteve o título de arquiteto na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro em 1924. Logo em seguida viajou à Diamantina, Minas Gerais, o que o colocou diante da simplicidade da arquitetura civil do período colonial, diferente do que fazia. Cinco anos depois mudou radicalmente o rumo de sua atuação profissional, rompendo com o movimento neocolonial e procurando a linguagem plástica correspondente à tecnologia construtiva do seu tempo (GOMES, 2007, p. 46).

De acordo com Luccas (2005), o arquiteto Lucio Costa contagiado pelo sentimento nacionalista, associou-se ao pensamento intelectual e político da época. Sua ideia era propor uma arquitetura moderna brasileira com expressão nativa.

A chave para entender o compromisso de Lúcio Costa com a construção da nacionalidade remete à sua origem familiar. Filho do engenheiro naval militar Joaquim Ribeiro da Costa, a influência paterna evidencia-se na visão de mundo de Costa, configurada por um sentimento patriótico aguçado, típico da formação das forças armadas. Em um depoimento, uma carta ao pai, de 1926, Costa relata um incidente em viagem marítima que ilustra bem, àquela altura, a sua identificação pessoal com os símbolos nacionais (SILVA NETO, 2002, p. 71).

Segundo Silva Neto (2002), a partir do momento que Lúcio rompeu com os tradicionalistas, sua carreira cumprirá um destino fundamental para a construção da nacionalidade brasileira. Trajetória que o situará ao longo de décadas em posições decisivas para a definição de uma produção arquitetônica e urbanística da monumentalidade nacional, de uma coleção de espaços simbólicos referenciais como formas de definição do que seria, e do que não seria, brasileiro. Foi estabelecida através de juízo de valor que conferia autenticidade, codificada a partir de normas de proteção legal e regras de linguagem, a monumentalidade nacional, assim resultou como consequência a inserção do Brasil, através da legitimação externa, no contexto internacional de debate arquitetônico. Para Pontual (2010, p.1) o trabalho de Lúcio Costa “foi essencial para inserir a arquitetura como manifestação cultural do país e contribuir para a estruturação do movimento moderno no Brasil”.

A construção da nacionalidade do Brasil exigia um conjunto organizado de lugares arquitetônicos que funcionassem como narrativa significativa de trajetória imaginária da nação. Lúcio Costa possuía uma concepção espontânea em relação à manifestação da nacionalidade na arquitetura. A partir do argumento de legitimidade plástica do objeto arquitetônico moderno com expressão de individualidade, vê que essa expressividade se manifesta através de um idioma cultural próprio conforme a nacionalidade do artista criador. Assim este posicionamento oculta qualquer atitude programática de estilo (SILVA NETO, 2002). Lúcio aliou todos os elementos para que o movimento moderno de fato acontecesse, ele lia e escrevia muito, e foi responsável por formular conceitualmente a existência de um movimento de arquitetura moderna brasileira, e graças a ele a arquitetura moderna brasileira chegou onde chegou (GOMES, 2007).

2.2.1 Obra 1: Ministério da Educação e Saúde

Segundo Santos (2014), o Palácio Gustavo Capanema⁵ foi projetado por arquitetos considerados como jovens na época, a equipe era composta por:

Lúcio Costa (1902-1998), Carlos Leão (1906-1983), Oscar Niemeyer Soares Filho (1907-2012), Affonso Eduardo Reidy (1909-1964), Ernani Vasconcellos (1912-1989) e Jorge Machado Moreira (1904-1992), tendo como consultor Le Corbusier. Aos arquitetos juntaram-se ainda Roberto Burle Marx (1909-1994), responsável pelo projeto das áreas verdes, e os artistas plásticos Cândido Portinari (1903-1962), que desenhou os azulejos e executou as pinturas murais; Bruno Giorgi (1905-1993), Jacques Lipchitz (1891-1973), Adriana Janacópulos (1897-1978), e Celso Antônio (1896-1994), responsáveis pelas inúmeras esculturas que povoam o edifício, além do engenheiro Emílio Baugart, responsável pelos cálculos estruturais (SANTOS, 2014, p.1).

⁵ Nome em homenagem ao ministro Getúlio Vargas, que desempenhou papel fundamental na contratação dos arquitetos cariocas, na vinda de Le Corbusier ao Brasil e na viabilização do projeto (SEGRE, 2013).

Figura 1 Ministério da Educação e Saúde Pública no Rio de Janeiro



Fonte: SANTOS, 2014.

De acordo com Santos (2014), Lúcio Costa define a obra do MES – Ministério da Educação e Saúde como um marco de uma nova era, uma nova sequência na arte de construir na história das belas artes. É nesta obra que pela primeira vez consegue dar acabamento e pureza absoluta nas concepções que Le Corbusier vinha batendo há mais de 25 anos. Já Comas (1987) discorre que: “O palácio também é protótipo e monumento”. Corroborando, Verde (1987) expõe que a obra do MES, “é citação obrigatória, marco de qualquer abordagem histórica da arquitetura moderna brasileira”.

Para Santos (2014), o palácio se trata de um ícone urbano na modernidade, no qual sua concepção iniciou como um concurso oficial para a construção da nova sede do Ministério da Educação e Saúde em 1935, este que posteriormente vinha a ser anulado, então o projeto continuou após a nomeação dos arquitetos e artistas modernos e com a chegada de Le Corbusier ao Brasil, em 1936, no ano seguinte vinha a ser o lançamento da pedra fundamental da edificação, finalizando assim a obra em 1945.

De acordo com Segre (2013), o edifício teve um papel fundamental na modificação da cidade do Rio de Janeiro, a edificação era situada em uma área de expansão no centro da cidade, o projeto enfrenta as disposições do plano urbanístico de Donat Alfred Agache para a cidade do Rio de Janeiro em 1927, interrompendo deste modo, a clássica proposta de ocupação de quadras, ao liberar espaço no térreo para a circulação de pedestres pela utilização de pilotis.

O desenvolvimento do projeto de arquitetura, em todas as suas fases, é dissecado e analisado exaustivamente através da publicação de croquis, desenhos, fotografias e documentos textuais, esclarecendo questões compositivas, construtivas e até aquelas relativas à conservação e ao restauro. Na apresentação do livro, Jean-Louis Cohen chama a atenção para alguns desses aspectos, como o fato da sede do MES inaugurar uma nova tipologia de arranha-céu, estabelecendo não só uma ruptura léxica, com a utilização dos brise-soleils e pilotis de matriz corbusiana, como uma ruptura estrutural referindo-se à planta alongada, ao núcleo de circulação descentralizado e ao volume arrematado por cobertura plana (SANTOS, 2014, p.1).

2.2.2 Obra 2: O Pavilhão Brasileiro na Feira Mundial de Nova Iorque em 1939

De acordo com Batista (2014), a feira de Nova Iorque tinha como objetivo mostrar ao mundo, inventos, novidades e as maiores descobertas através do slogan “O amanhecer de um Novo Dia”, a feira pretendia mostrar o mundo no amanhã. A autora relata que no momento em que os visitantes deixavam a exposição, ganhavam um botão com os dizeres: “Eu vi o futuro”. A feira durou por cerca de um ano⁶ e teve a participação de vários países, inclusive o Brasil.

Figura 2: O ESTADO DE S. PAULO: PÁGINAS DA EDIÇÃO DE 07 DE MAIO DE 1939 - PAG. 1



Fonte: BATISTA, 2014. p. 1.

Ainda conforme Batista (2014), o pavilhão do Brasil na feira de Iorque foi inaugurado em maio de 1939, demonstrando a identidade arquitetônica do Brasil através de formas e linhas modernas proporcionadas por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, estes, arquitetos responsáveis pelo pavilhão.

⁶ 30 de Abril de 1939 até Outubro de 1940 (BATISTA, 2014).

Figura 3: Pavilhão do Brasil na feira mundial de Nova Iorque em 1939.



Fonte: COMAS, 2010. p. 56.

Segundo Comas (2010), o pavilhão para a feira deveria possuir aspectos como graça, leveza, extroversão, exuberância e porosidade. Também deveria passar o sentimento de teatralidade, de uma obra temporal, não algo duradouro, mas sim uma peça que após um tempo, dali seria retirada.

Nessa perspectiva, o violento contraste entre as elevações de rua e jardim é comparável ao contraste entre bastidores e boca de cena. A elevação para o pátio ajardinado evoca a grandiloquência de outros pavilhões através de sua colunata colossal e ao mesmo tempo que a evita através de sua materialidade, trazendo à mente o Palácio de Cristal (1851) que continha uma feira inteira em Londres, a primeira com intenções universais (COMAS, 2010. p. 87).

Para Comas (2010), o arquiteto Lúcio Costa, sugere um contraste entre a brutalidade e severidade do Ministério da Educação no Rio de Janeiro, e a leveza e naturalidade do pavilhão brasileiro, impondo materiais como chapas de metais revestindo colunas de aço como um espiral, rejeitando assim todo e qualquer conceito linear adotado por Mies Van Der Rohe no Pavilhão de Barcelona.

O Brasil colonial urbano e os componentes mouros de sua descendência ibérica justificam modelar o brise-soleil como um muxarabi moderno fixo, em vez dos painéis móveis mais elaborados projetados para o prédio do Ministério da Educação. A evocação do passado ancestral é combinada com a alusão ao pavilhão moderno, Melnikov (a via de acesso pública que sobe), Sakakura (a rampa e as treliças) e Aalto (curvas), para não mencionar Mies (a externalização da mecânica da planta livre) e Perret (as colunas colossais e as truncadas). (COMAS, 2010. p. 88).

2.3 AS CIDADES MODERNAS E SUA IDENTIDADE

Para Faria e Souza (2011) a identidade está em constante transformação, engloba o ambiente, contexto histórico e história do sujeito, ela é constituída, conforme Bauman (2005), através de referências e está em constante construção. De acordo com Proença e Teno (2011) a identidade não é a simples identificação, ela envolve aspectos históricos e subjetivos do indivíduo, apresentando características distintas de acordo com o grupo em que está inserido. É algo que se relaciona com o passado e o presente, se projetando no futuro. Conforme Júlio (2010) ela é o que identifica o sujeito, tornando-o diferente do outro. Assim, é possível definir que a identidade é estabelecida na relação com o outro. Para Proença e Teno (2011, p. 135), “[...] numa relação dialética o sujeito busca fortalecimento no seu

grupo familiar e profissional, nas suas crenças, agregando cultura e valores que vão além do biológico para traçar um perfil identitário seja pessoal ou profissional”.

Para Álvares (2009) a cidade vive da interação entre seus habitantes nos espaços urbanos, esses locais funcionam como produtores de identidade. De acordo com Mourão e Cavalcante (2006), a identidade compreende diversos sistemas identificatórios, como a identidade urbana. Definida pela interação do sujeito com o meio. Os indivíduos necessitam identificar-se com o espaço urbano, assim tem condições de suprir suas necessidades de identificação e pertença.

Para Álvares (2009); Mourão e Cavalcante (2006) a identidade de uma cidade é composta pelo planejamento urbano local e seus habitantes; os espaços urbanos quando sofrem constantes transformações, influenciam em sua identidade.

Álvares (2009),

A ideia de identidade de um território ou de uma cidade é condicionada pelo conhecimento prévio a nível cultural, artístico, literário, cinematográfico, geográfico, entre outros. A descoberta da cidade está sempre relacionada com a análise comparativa associada ao conhecimento de outros ambientes urbanos. É essa comparação que permite a criação de uma identidade baseada na *expressão das diferenças*, e promove a defesa das características culturais específicas das cidades em relação a outras (ÁLVARES, 2009, p.3).

De acordo com Del Rio (2004) o espaço urbano deve conter sua história e características, que irão formar a identidade urbana. Basso e Van Der Linden (2010) afirmam que o processo histórico promove mudanças nas cidades, assim elas passam a adquirir características distintas, por esse motivo os espaços urbanos não podem ser observados como algo estático e sim em constantes transformações. Para Lopes (1998) o processo de formação da identidade de uma cidade é algo complexo, um processo a ser construído através do tempo, cultura e comportamento dos habitantes do local.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Para a fundamentação dos elementos de análise, inicialmente, foi utilizada a metodologia de revisão bibliográfica, que, conforme Bervian; Cervo e Silva (2007), a pesquisa é realizada através de materiais já publicados (livros, artigos e materiais científicos disponibilizados na internet).

Após, utilizou-se do método indutivo, que pressupõe a elaboração de classificações a partir da descoberta de relação entre os fenômenos observados (MARCONI e LAKATOS, 2011). Na aplicação do método considerou-se a percepção da autora de abrangência e correlação dos conceitos apresentados com o problema da pesquisa. Na sequência foram selecionados, entre os textos apresentados, conceitos e parâmetros. Posteriormente procedeu-se a análise das obras nacionalistas de Lúcio Costa e a identidade das cidades modernas. No encaminhamento ocorreram os seguintes procedimentos:

- 1) Os conceitos foram retirados da revisão bibliográfica apresentada na pesquisa. Definiu-se que a amostragem contaria com três conceitos para cada obra analisada.
- 2) Após, relacionou-se a arquitetura nacionalista brasileira com os conceitos de identidades das cidades modernas.
- 3) Nos conceitos negritou-se, pela relevância palavras-chave.
- 4) Tais palavras-chave, reconfiguradas, definiram os parâmetros de análise.

Finalmente, e objetivando a resposta ao problema da pesquisa, pelas ocorrências na revisão bibliográfica e pela metodologia adotada, foi possível proceder a análise das obras de arquitetura nacionalista de Lúcio Costa e sua relação com a identidade das cidades modernas.

Quadro 1 – Conceitos de análise: Obra 1 – Ministério da Educação e Saúde

- | |
|---|
| 1. De acordo com Santos (2014), Lúcio Costa define a obra do MES – Ministério da Educação e Saúde como um marco de uma nova era, uma nova sequência na arte de construir na história das belas artes . |
| 2. De acordo com Segre (2013), o edifício teve um papel fundamental na modificação da cidade do Rio de Janeiro [...] interrompendo deste modo, a clássica proposta de ocupação de quadras, ao liberar espaço no terreno para a circulação de pedestres pela utilização de pilotis. |
| 3. Para Santos (2014), o palácio se trata de um ícone urbano na modernidade. |

Fonte: Autores (2015).

Conforme descrito na metodologia, no quadro 01 foram elencados três conceitos para fundamentação da análise da obra do Ministério da Educação e Saúde.

Quadro 2 – Conceitos de análise: Obra 2 – Pavilhão Brasileiro da Ferie de Nova Iorque

1. Ainda conforme Batista (2014), o pavilhão do Brasil na feira de Iorque foi inaugurado em maio de 1939, demonstrando a **identidade arquitetônica do Brasil** através de formas e linhas modernas proporcionadas por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, estes, arquitetos responsáveis pelo pavilhão.
2. Segundo Comas (2010), o pavilhão para a feira deveria possuir aspectos como graça, leveza, extroversão, exuberância e porosidade. Também deveria passar o sentimento de teatralidade, de uma obra temporal, não **algo duradouro**, mas sim uma peça que após um tempo, dali seria retirada.
3. O Brasil colonial urbano e os componentes mouros de sua descendência ibérica justificam modelar o brise-soleil como um muxarabi moderno fixo [...]. A evocação do **passado ancestral é combinada com a alusão ao pavilhão moderno** [...] (COMAS, 2010. p. 88).

Fonte: Autores (2015).

No quadro 02 foram apresentados os conceitos para análise das obras do Pavilhão Brasileiro da Feira de Nova Iorque.

Quadro 3 – Relação entre os conceitos de análise da arquitetura nacionalista e identidade das cidades modernas

1. De acordo com Luccas (2005) a arquitetura moderna brasileira veio em contraponto ao estilo internacional, pois possuía um ideal de territorialidade e historicidade .	1. Para Faria e Souza (2011) a identidade está em constante transformação , engloba o ambiente, contexto histórico.
2. A gestação da arquitetura moderna brasileira ocorreria nesse ambiente, perseguindo a consolidação de uma ambicionada identidade cultural nacional (LUCCAS, 2005, p.1).	2. Para Álvares (2009) a cidade vive da interação entre seus habitantes nos espaços urbanos, esses locais funcionam como produtores de identidade.
3. O movimento gerou uma fase estética que integrou tendências que já vinham aparecendo, fixadas em valorizar a realidade do país, sugerindo mudanças das tradições que até então eram seguidas (PAIM, 2010).	3. Os indivíduos necessitam identificar-se com o espaço urbano, assim tem condições de suprir suas necessidades de identificação e pertença .
4. “Ocorria no período a busca mencionada de uma identidade nacional da qual o País ressentia-se” (LUCCAS, 2005, p.1).	4. Para Álvares (2009); Mourão e Cavalcante (2006) a identidade de uma cidade é composta pelo planejamento urbano local e seus habitantes; os espaços urbanos quando sofrem constantes transformações, influenciam em sua identidade .
5. No Brasil surgiu sem a necessidade de solucionar problemas sociais, apenas afirmando a identidade da cultura e representando o espírito da época (PAIM, 2010).	5. De acordo com Del Rio (2004) o espaço urbano deve conter sua história e características , que irão formar a identidade urbana.
6. A busca por uma arte moderna no contexto brasileiro foi alimentada por um intenso debate da questão de nacionalidade e da autonomia nacional (SEWAGA, 1999, p. 38).	6. Basso e Van Der Linden (2010) afirmam que o processo histórico promove mudanças nas cidades, assim elas passam a adquirir características distintas, por esse motivo os espaços urbanos não podem ser observados como algo estático e sim em constantes transformações .

Fonte: Autores (2015).

No quadro 3 são apresentados os conceitos de análise da arquitetura nacionalista moderna brasileira e da identidade das cidades modernas. Através das palavras-chave negritadas suas relações são demonstradas. Assim os quadros têm como objetivo correlacionar as características identitárias das cidades modernas com as obras de arquitetura nacionalista de Lúcio Costa.

No quadro 4 os parâmetros, através das palavras-chave negritadas nos quadros 1 e 2 são correlacionados com os parâmetros de identidade das cidades modernas apresentados no quadro 3.

Quadro 4 – Parâmetros

Obras	Identidade das cidades modernas
1. Componentes que evocam o passado com a alusão ao moderno.	1. Transformação
2. Sentimento de algo duradouro.	2. Interação
3. Ícone urbano.	3. Necessidades de identificação e pertença.
4. Marco	4. Transformações que influenciam em sua identidade.
5. Identidade arquitetônica do Brasil	5. História e características
6. Modificação	6. Constantes transformações.

Fonte: Autores (2015).

De acordo com a metodologia de pesquisa indutiva, a análise dos resultados pressupôs uma interpretação da autora, e essa interpretação analisou os conceitos e parâmetros definidos no decorrer do presente capítulo. Com tais definições, as mesmas foram aplicadas no tema da pesquisa para proceder a análise.

Interpretando os dados gerais da aplicação da pesquisa, através dos quadros apresentados, constatou-se que foram atingidos os objetivos definidos no início do trabalho. As obras nacionalistas de Lúcio Costa contribuíram para a transformação da identidade das cidades modernas brasileiras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos analisados, pode se observar que Lúcio Costa foi quem iniciou o movimento moderno no Brasil, e que suas obras auxiliaram para o progresso desse movimento. Cada projeto de Lúcio marcou pelo seu funcionalismo e racionalismo, contribuindo para o acerto histórico nacional.

Lúcio Costa ajudou na construção da nacionalidade brasileira, com uma produção arquitetônica de grande importância para o país. A construção da nacionalidade exigia uma certa organização dos lugares arquitetônicos e que eles funcionassem como uma grande e significativa trajetória imaginária de nossa nação. As obras analisadas foram de grande importância para o crescimento da arquitetura moderna, onde contribuíram para o trajeto da nacionalidade brasileira, levando em conta suas características e história, e suas transformações que influenciaram na identidade de cada uma das obras.

O arquiteto Lúcio Costa também desenvolveu o plano piloto da cidade de Brasília, uma cidade caracterizada por suas obras arquitetônicas. Com toda pesquisa e análise apresentada podemos concluir a grande importância que o movimento moderno e Lúcio Costa tiveram para ajudar na construção da arquitetura nacionalista no Brasil.

REFERENCIAS

ÁLVARES, R. L. B. **A bilhardice**: projecto de intervenção estético-artística para a cidade do Funchal. 2009. Dissertação (Mestrado em Arte e Patrimônio: no Contemporâneo e Actual), Universidade da Madeira, Funchal. Disponível em: <<http://www.ricardobarbeito.com/a-bilhardice-projecto-de-intervencao-estetico-artistica-para-a-cidade-do-funchal-2/>>. Acesso em: 03 ago. 2015.

BASSO, L.; VAN DER LINDEN, J. C. S. Mobiliário urbano: Origem, Forma e Função. In: **Anais do 9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**, 2010, São Paulo. São Paulo: Congresso de Design, 2010. Disponível em: <<http://blogs.anhembi.br/congressodesign/anais/artigos/69553.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERVIAN, P. A.; CERVO, A. L.; SILVA, R. da. **Metodologia científica**. São Paulo: Prentice Hall, 2007.

COMAS, C. E. D. **Protótipo e monumento, um ministério, o ministério**. Projeto, São Paulo, n. 102, ago. 1987.

DEL RIO, V. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: PINI, 2004.

FARIA, E. de; SOUZA, V. L. T. de. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Educacional**, São Paulo, n.1, p.35-42, 2011.

JÚLIO, A. L. dos S. Sobre o sentimento de pertença: um passeio pela negra identidade. **Revista Identidade!** São Leopoldo, v.15, n.2, jul/dez. 2010.

LOPES, R. **A cidade intencional**: o planejamento estratégico das cidades. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

LUCCAS, L. H. H. Arquitetura moderna e brasileira: o constructo de Lucio Costa como sustentação. **Vitruvius**, Arqtextos, São Paulo, ano 06, n. 063.07, set. 2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/06.063/437>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2011.

MOURÃO, A. R. T.; CAVALCANTE, S. O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.11, n.2, mai/ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2006000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 03 ago. 2015.

PAIM, A. **O Movimento Moderno**. 2010. Disponível em: <<https://arquiteturadobrasil.wordpress.com>>. Acesso em: 14 set. 2015.

PONTUAL, H. D. **Lúcio Costa foi pioneiro da arquitetura modernista do país.** Senado Federal, 2010. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasil50anos/not14.asp>>. Acesso em: 14 set. 2015.

PROENÇA, M. G. S.; TENO, N. A. C. Algumas aproximações: compreendendo o conceito de identidade. **Educação e Fronteiras *On-Line***, Dourados, v.1, n.3, p.132-145, set/dez. 2011.

SANTOS, C. R. dos. **Revisitando a sede do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro.** São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/13.147/4942>>. Acesso em: 15 set. 2015.

SEGAWA, Bruno. **Arquiteturas no Brasil 1900 – 1990.** São Paulo: Edusp, 1999.

SEGRE, R. **Ministério da Educação e Saúde: Ícone urbano da modernidade brasileira 1935-1945.** Romano Guerra, São Paulo; 1ª edição, 2013.

SILVA NETO, N. F. da. **Lúcio Costa e a nação: A construção da nacionalidade brasileira através da arquitetura.** 2009. 269 f. Monografia (Especialização) - Curso de Arquitetura, UFC, Fortaleza, 2002.

TASSONIERO, E. **Arquitetura Moderna.** 2009. Disponível em: <<https://arqno brasil.wordpress.com/>>. Acesso em: 14 set. 2015.

VERDE, R. V. **Segundo a ordem das razões e mais além.** Editorial do número especial da Revista Projeto dedicado ao centenário de Le Corbusier, ago. 1987, n. 102.